

FMI é o caminho, afirma Rocard

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

O possível candidato à presidência da França, Michel Rocard, voltou a dizer, ontem, que o FMI, no momento, "é o melhor instrumento que os países endividados como o Brasil têm para resolver seus problemas". Ele foi surpreendido ao entrar no Auditório Petrônio Portela, do Senado, para participar de discussões sobre a dívida externa, por uma pergunta do deputado Bocayuva Cunha (PDT-RJ), que com um exemplar de **O Estado** de domingo na mão, queria saber como Rocard pôde dar uma entrevista "tão polêmica".

O deputado se referia à entrevista de Rocard ao correspondente de **O Estado** em Paris, quando defendeu a atuação do Fundo Monetário Internacional e do Clube de Paris para evitar uma política de austeridade ainda maior nos países no Terceiro Mundo, que provocaria choques e revoluções. Ele respondeu a Bocayuva Cunha que a verdade é mesmo essa: "Sejamos honestos e objetivos, não se pode fugir disso".

No seu discurso, Michel Rocard apelou para que os países endividados rejeitem a proposta de um fun-

do separado, "a idéia de um cartel de devedores, qualquer que seja a sua denominação". Ele considera totalmente irrealista a idéia de resolver o problema sem diálogo. E ao final advertiu: "Não é levantando os devedores contra os credores que a questão da dívida será resolvida. Aqueles que viessem a adotar uma estratégia de rompimento aumentariam ainda mais o abismo que separa o Norte do Sul". Sentado ao seu



Roque Sá

Rocard: "Não há como fugir"

lado, o ex-ministro Dílson Funaro nada comentou.

Rocard também reforçou o projeto da Internacional Socialista de criação de uma organização internacional da dívida, através de conferência com participação de credores e devedores.

PRESSÃO

Ao contrário de Rocard, o deputado do Partido Trabalhista inglês Stuart Holland sugeriu que os países da América Latina adotem "uma posição forte e de pressão, fazendo valer o poder que adquiriram diante da comunidade financeira internacional, como grandes devedores". Ele deu como exemplo a formação de um grupo pelo Brasil, Argentina e Venezuela, "que poderiam limitar os pagamentos dos juros a uma porcentagem das exportações". Isto, acrescentou, provocaria protestos, mas forçaria os credores a negociar.

Holland, que poderá assumir o Ministério da Fazenda caso o Partido Trabalhista vença as próximas eleições na Inglaterra, defendeu a moratória brasileira, afirmando que ela pode ter causado problemas, "mas foi correta porque chamou a atenção para os problemas do País, como o pagamento dos juros".